

# Almanaque do Futuro

EXPERIÊNCIAS MOTIVADORAS PARA UM MUNDO MELHOR

Experiencia motivadora No. 38



**O COMEÇO DE  
TODA VIDA**

*O desafio de garantir o direito a uma saúde intercultural, refletido na luta e persistência de Jambi Mascari, organização de parteiras ancestrais Kiwchas de Cotacachi que faz parte do conselho de saúde ancestral Hampik Warmikuna, mostra que tão relevante e boa é esta luta reivindicativa pelo bem comum de todxs, para além das culturas e identidades: compreensão holística da saúde como ponto de partida no lugar de doença e alternativas à fármacodependência.*

## **SAÚDE INTERCULTURAL:**

---

## **ENTRE DISCURSO, NORMAS E REALIDADE**

O relatório “Saúde intercultural vista a partir da zona andina de Cotacachi”, documento trabalhado por Martha Arotingo, parteira ancestral da organização Jambi Mascari e vicepresidenta do Conselho de Saúde Ancestral Hampik Warmikuna e por María Agdalena Fueres, fitoterapeuta e presidenta do Comité Central de Mulheres da UNORCAC, organização matriz das comunidades indígenas camponesas de Cotacachi, entregue ao Relator

Especial para o Direito a Saúde das Nações Unidas, por ocasião de sua visita ao Equador em 2019, oferece uma radiografia bastante completa da dissonância entre o discurso oficial, as normas estatais e a realidade ao redor da saúde intercultural e mais especificamente da obstetrícia ancestral no Equador.

Aqui alguns apartes do relatório: “...o direito à saúde ... é um direito coletivo





da comunidade e dos povos de manter, proteger e desenvolver entre outras suas medicinas e práticas de medicina tradicional...dos agentes de saúde tradicionais a manter e desenvolver seus saberes e práticas... de uma pessoa a escolher o tipo de sistema médico ao qual recorrer para manter ou recuperar sua saúde. Frente a essas intitulações de direitos, o Estado ... tem o dever... de promover... os saberes ancestrais... garantir as práticas de saúde ancestrais... promover a complementariedade com as medicinas ancestrais...

Na realidade cotidiana acontecem sérios retrocessos na aplicação desses direitos... textos oficiais do Ministério de Saúde (MSP) contemplam seu respeito numa relação horizontal...

O interesse do MSP ente as parteiras ancestrais...limita-se ao apoio das parteiras para cumprir objetivos do MSP... ignorando os demais atores como fitoterapeutas, yachakuks [curandeiros], sovadores<sup>1</sup>... a pesar do mandato constitucional...

O... fortalecimento da medicina ancestral recai ultimamente nas organizações originárias... que não costumam contar com os recursos necessários... curandeiros tradicionais [por exemplo as parteiras ancestrais] ... contribuem para o melhoramento da saúde das comunidades ... [sem ser] ...reconhecidos nos objetivos que o MSP mede.... saúde intercultural [significa] ...respeito pela cultura dos prestadores e dos usuários... a articulação das duas medicinas, ocidental e ancestral, permitindo... complementariedade das ações e a escolha da medicina com que os usuários preferem ser atendidos. Isto supõe uma horizontalidade na relação entre prestadores e um reconhecimento mutuo de conhecimentos e práticas.

---

<sup>1</sup> NdoT: "Dentro del mundo kichwa do norte existem o yachakuk que é o aprendiz; o herbolario (fitoterapeuta) que conhece tudo sobre as ervas medicinais; a parteira; o fregador ou osseiro que cuida das lesões" em <https://www.eltelegrafo.com.ec/noticias/de7en7/1/medicina-ancestral-sabiduria-que-no-desaparecera> ; o verbo fregar pode ser traduzido ao português como sovar.



A situação atual [lê-se: não há] ... diálogo entre iguais... o sistema... somente...reconhece o que está cientificamente comprovado, negando tudo... cultural e espiritual e holístico da saúde ancestral... desconhecendo... processos de aprendizagem não acadêmicos dos curandeiros... mantendo uma atitude superior ou paternalista.

Resumindo... não se reconhece nem respeita o sistema diferente... troca de saberes [impossibilitada por] ... uma situação de diálogo tão desigual [sem] enriquecimento mútuo...e... expropriação dos saberes ancestrais e... usurpação do trabalho dos curandeiros ancestrais... somente em poucos casos uma articulação realmente respeitosa... pessoal técnico de atenção primária em saúde... oriundo das comunidades que atendem... frequentemente afastados das tradições e práticas de saúde ancestral... pretende-se institucionalizar o parto, assumindo sem provas que as mortes de maternas são por causa do parto domiciliário... mecanismos... para garantir que o parto TENHA QUE SER NO HOSPITAL ... (bolsas de US\$60



para mães que vão dar à luz ao hospital) ...exigir que o registro de Recém Nascido ... só seja realizado se contar com o certificado pré-natal do médico... visão na que o parto é UMA DOENÇA, algo NÃO NATURAL... desencorajamento à atenção de partos domiciliários... as parteiras sabem que

não sendo consideradas provedoras de saúde, nos julgamentos enfrentarão sempre penas mais altas do que os prestadores de saúde... divisão entre as parteiras, umas cedendo à pressão e outras escondendo suas práticas novamente a pesar do direito constitucional de mantê-las... parteira levando uma parturiente ao hospital... sem direito a atender o parto... profissionais considerando-se competentes em atenção do parto humanizado, sem ter nem a experiência nem conexão espiritual com o território nem conhecer as plantas medicinais...

O relatório, elaborado com apoio dos Médicos sem Fronteiras fecha com um testemunho contundente de suas autoras: “... **aos poucos nos despojam de nossos costumes e nossos territórios, aniquilam nossos povos indígenas, matam também a Pachamama e se auto exterminam os humanos como espécie. Temos direito a parir em liberdade e atender o parto como temos feito historicamente, sem por isto sermos perseguidas.**”

Durante uma reunião com Viviana

Guitarra, Lucia Morales, Claudia Sánchez, Anita Forinago, Delia Huaján, Luzmila Moran, María Piñan, Mariella Ayala e Martha Arotingo, integrantes de Jambí Mascari, parteiras em exercício, outras parteiras veteranas e algumas alunas da escola de parteiras Unanchu Mamakuna ratificam o que foi dito no relatório.

## PARTEIRA ANCESTRAL: O CASO DE MARTHA AROTINGO

Martha aprendeu de sua mãe a arte e o ofício de ser parteira e fitoterapeuta tradicional do povo Kichwa em Cotacachi; guardiã de saberes de medicina ancestral impulsiona a reivindicação dos direitos das mulheres y dos povos indígenas. Ela nasceu em casa e tem uma relação muito próxima com sua mãe. “Há cada vez menos interação entre as pessoas e os jovens vivem mais na realidade cibernética. Antes tínhamos muitos animais, agora só galinhas, e no lugar de fazer mutirões

pagamos peões”, partilha Martha no início de uma entrevista. Sua mãe é parteira e aprendeu da parteira da comunidade. Martha lembra que presenciou o nascimento da sua irmã caçula, parto que a própria mãe atendeu; dizia à Martha: “vá chamar sua tia para que ela me ajude a cortar o cordão”.



Com o parto do seu primeiro filho, o trato no hospital foi péssimo e Martha decidiu ter seus outros filhos em casa. Seu primeiro parto atendido como parteira foi o da sua irmã caçula. Martha, lembra com carinho o conselho da sua mãe, de parteira para parteira: “você tem que estar tranquila para transmitir tranquilidade à mãe...



me apaixonei pelo meu primeiro parto atendido, sou apaixonada pelo que faço. O mais importante é a parte emocional, que a mãe esteja tranquila e que se sintam bem como protagonista (e não a parteira ou o médico)".

**Menciona que as parteiras ancestrais costumam oferecer ajudas que a obstetra, enfermeira e ginecologista não fazem: ajudar o bebê a entrar em na posição pra nascer, no pós-parto reposicionar o útero com massagens, e apertando com os lençóis já que é importante que a mãe possa seguir sua vida depois, chamar o espírito do bebê e realizar o primeiro rito que se chama maitu: banho com alecrim e rosas, para depois enfaixar o bebê.**

Todas as plantas são aliadas da gravidez, parto e pós-parto, explica Martha: alecrim, urtiga, pega-pega, dente de leão, folhas de figo e outras; e flores, para banhos pós-parto. "As plantas medicinais são minhas irmãs". À pergunta de se existe um diálogo de saberes entre a obstetrícia ancestral e ocidental, Martha comenta: **"há práticas ocidentais que incorporamos, como o uso de luvas, tesoura, doppler para escutar o coração do bebê, toal-**

**has sanitárias; mas as posições, exercícios, banhos, a atenção pós-parto e o acompanhamento, é mais o ocidente que incorpora no conceito de parto humanizado.** Nossas organizações tem finalmente conseguido que no hospital de Cotacachi haja uma sala para o parto ancestral e de livre posição para a parturiente. Os protocolos do hospital deixam muitas mulheres nervosas; além do que a mulher mestiça é melhor tratada no hospital do que a mulher indígena." Martha atende partos há mais de 15 anos e admite que tem coisas que tem mudado, mas falta bastante. "Parteiras já podem atender partos em um hospital, mesmo que isso dependa da enfermeira ou obstetra de turno. Tem casos em que dizem: Marthita se precisar de ajuda você nos chama, mas tem outros casos, em que apenas permitem que você acompanhe a mãe. Acho que não deveria depender da enfermeira, mas ser definido como política institucional.

**Toda mãe busca um lugar onde se sente confortável para dar à luz; o hospital não é necessariamente esse lugar: pelas**

**luzes fortes, o risco que o procedimento e protocolo da medicina ocidental gere estresse e mesmo culpa à mulher...Doutora, estou fazendo mal? Em casa a protagonista é a mãe, no hospital é o médico; é um desempoderamento da pessoa, também no parto; a mãe perde o controle do seu processo".**

## **EXTRATO DO POEMA "A MEMÓRIA PERSEVERANTE" DE MARTHA AROTINGO**

"A fragrância do líquido amniótico acariciou docemente meu coração; a partir deste momento acompanhar partos alegrou-me a vida...ao que parece o caminho já estava desenhado com a instrução da minha mãe...- nesta viagem descobri muitas alegrias, a dor da impotência não podia faltar, mulheres que não entendiam o que acontecia, não podia dizer nada no início o temor da minha mão ao tocar a criança no ventre e foram elas quem me deram mais ânimo....".



Lembra Martha: “2014 o ministério da saúde elaborou um manual para melhorar a articulação com as parteiras ancestrais, sem consultar ou nos fazer partícipes; só depois queriam socializar a versão final. Eu critiquei fortemente esta forma de agir, reclamando que as políticas deveriam ser construídas com as pessoas. Como resultado, o ministério me tirou da sua lista de parteiras ancestrais. Mas temos que falar com firmeza; há aliados dentro do ministério mesmo que nadem contra a corrente.



A organização de parteiras ancestrais de Otavalo, um referente para Jambi Mascari buscava, no escopo dum projeto, uma melhor articulação intercultural e horizontalidade com o hospital público de Otavalo; no início

com bons resultados: aconteceram os primeiros partos verticais no hospital, atendidos por parteiras ancestrais, pagando-lhes adequadamente como prestadoras de serviços de saúde intercultural. Mas com o encerramento do projeto terminaram essas boas práticas. Diante dessa situação, a organização exigiu que o hospital institucionalize o pagamento e reconhecer todas as parteiras ancestrais, justamente para evitar a divisão e o debilitamento das organizações. Mas a organização, no processo de reivindicar debilitou-se de tal maneira que no fim desapareceu.

Martha não concorda com o modus operandi do Estado para com as parteiras ancestrais: **“O Estado pretende retribuir a prestação de serviços de nossa parte com capacitações. Isto nos indigna e não aceitamos; por acaso um médico concordaria com que sua prestação de serviço profissional fosse tratada pelo Estado como voluntariado? Se o Estado equatoriano quer de verdade garantir uma saúde intercultural, deve estar disposto a buscar de forma**



respeitosa uma articulação conosco, as parteiras interculturais, atribuindo orçamentos acordes. **Não pode ser que o Estado siga na lógica de que a parteira seja quem descobre mulheres gestantes para derivá-las ao hospital. Deve respeitar que a mulher decida ter seu parto em casa. Esse direito lhe é negado com muita frequência.”**

O estado equatoriano, quando suas autoridades de saúde busquem compensar os serviços de prestadores tradicionais com ofertas de formação, querendo ensinar o que a saúde ancestral pratica faz milhares de anos, atua de forma errática, arrogante e cínica; é de todo jeito uma autodesqualificação

diante do desafio e obrigação de garantir uma saúde intercultural.

**Jambi Mascari, a partir do Conselho de saúde ancestral Hampik Warmikuna não ficou quieto diante de um panorama bastante desolador e iniciou a Escola de “Partería”<sup>2</sup> Unanchu Mamakuna, cuja responsável é Martha Arotingo.**

## MERCANTILIZAÇÃO DA SAÚDE

Há, sem dúvida uma mercantilização da saúde. Ficar mais tempo no hospital, quando é particular, significa mais custos; mas ao mesmo tempo o sistema fomenta o medo à morte e muitos fazemos de tudo para minimizar o risco de morte. Martha explica que no mundo andino a vida é filha da morte e a morte faz parte da vida.

---

<sup>2</sup> NdoT: Partería se traduz em português como obstetrícia, mas como essa tradução não diferencia a obstetrícia ocidental da ancestral, para o nome da escola deixa-se o termo original.



Há profissionais da saúde que exercem um poder emocional sobre as pessoas e há mães que se sentem culpadas de não ter podido dar à luz sem cesariana. No Equador, 80% dos partos em hospitais particulares são cesarianas; em hospitais públicos esta porcentagem é mais baixa, mas ainda assim bastante alta. Esse fenômeno ocorre em toda a América Latina. A aposta com o medo das mulheres se presta inclusive para ofertas: 3000 dólares o pacote com cesariana e 2x1 cesariana e ligadura. Um dilema fatal para muitas

mulheres. Essa vulnerabilidade não desaparece durante a fase de gestação já que facilmente sentem medo por se tratar da vida de seu bebê e o abuso de poder da palavra de parte de profissionais interesseiros não conhece limites. “Se você quiser ter um parto normal, mas os médicos disseram que você não podia ter parto normal, mas por cesariana, em muitos casos você pode sim ter o seu bebê por parto normal; fazemos a dilatação previa em casa e vamos ao hospital na reta final.”





## MENSAGENS PARA O FUTURO

- Graças aos conceitos da saúde ancestral e intercultural, o parto não é percebido como patologia, mas como aquilo que é: parte natural da vida como da morte.
- Sem as parteiras ancestrais, as mulheres não teriam opção de ter seu parto em casa. No mundo inteiro, em zonas rurais mais afastadas são as parteiras quem atendem todos os partos.
- A saúde intercultural é uma benesse para todos os grupos e culturas, já que nos oferecem alternativas diante da cirurgia ou da terapia farmacológica como únicas opções, aproximando-nos de uma compreensão holística e uma atenção integral e carinhosa que parte da saúde e não da doença.

# Almanaque do Futuro

O texto foi elaborado, com base nas conversas in situ pelo Almanaque do Futuro, representado por Jorge Krekeler, (facilitador de Misereor a pedido de Agiamondo) com Martha Arotingo, Viviana Guitarra, Lúcia Morais, Claudia Sanchez, Anita Forinago, Delia Huaján, Luzmila Moran, Maria Piñan, Mariella Ayala de Jambi Mascari – Conselho Indígena de Medicina Ancestral da UNORCAC e sua acompanhante Claudia Willemín. O presente texto tem sido objeto de socialização. Um profundo agradecimento para Martha Arotingo e todas as parceiras ancestrais de Jambi Mascari; agradecimentos também ao Javier Carrera da Rede de Guardiões de Sementes por ter facilitado os primeiros contatos.

Autor: **Jorge Krekeler**, [jorge.krekeler@posteo.de](mailto:jorge.krekeler@posteo.de)

Design: **Ida Peñaranda - Gabriela Avendaño** Fotografias: **Jambi Mascari, Martha Arotingo, Red de Guardianes de Semillas**

Tradução: **Ida Peñaranda - Isabel Pérez**

Dados de contato a respeito da experiência documentada:

**Jambi Mascari -**

**Consejo Indígena de Salud Ancestral Hampik Huarmikuna  
comitecentral\_mujeresunorcac@hotmail.com**

facebook e instagram: **Conselho Indígena Medicina Ancestral  
Martha Arotingo**

**parteradianaku@gmail.com tamiapacari4@gmail.com**

**<https://parteradianaku.com/>**

**<https://escuelita.parteradianaku.com/>**

facebook – instagram – tiktok: **ParteradiAnaku**

**<https://www.youtube.com/watch?v=7ZrcX45tFAs>**

**<https://www.madresemilla.com/producto/kawsayta-kallarinkapak-al-inicio-de-la-vida/>**

**Rede de Guardiões de Sementes**

**<https://redsemillas.org/>**

**<https://www.madresemilla.com/>**

Com o apoio de:

**MISEREOR**  
● IHR HILFSWERK

Edição: **Maio 2022**

[www.almanaquedelfuturo.com](http://www.almanaquedelfuturo.com)



CC-BY 4.0, podem aplicar outras licenças a logotipos, imagens individuais e textos (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/.21.06.2018>)